



GILBERTO CHATEAUBRIAND

Arte brasileira perde o seu maior defensor

Diplomata reuniu ao longo da vida acervo de aproximadamente 8 mil obras. Boa parte delas está à disposição do público no MAM-RJ

» FERNANDA STRICKLAND

Arquivo pessoal/Divulgação



Dono de uma das mais importantes coleções de arte brasileira, o colecionador e diplomata Gilberto Chateaubriand morreu, ontem, aos 97 anos, em Porto Ferreira (SP). Segundo relatos de pessoas próximas, ele foi encontrado já sem vida por uma neta, enquanto dormia. Filho do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, fundador dos **Diários Associados**, Gilberto era considerado o maior defensor das artes plásticas do país e um dos responsáveis por colocá-las em alto patamar de importância junto à comunidade internacional.

Nascido em Paris, em 1925, Gilberto Francisco Renato Alard Chateaubriand Bandeira de Melo reuniu ao longo da vida um acervo de mais de 8 mil obras. Parte dele integra, atualmente, a coleção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), do qual Gilberto era o principal colaborador.

Por meio de nota, o MAM Rio lamentou a morte do colecionador. “Em comodato com o museu desde 1993, parte da coleção, de arte brasileira moderna e contemporânea, é uma das mais importantes do país”, tuitou a direção da instituição.

Já o Museu de Arte do Rio (MAR) ressaltou a importância da dedicação de Gilberto para a produção cultural brasileira. “Dono de mais de 8 mil obras de arte e um dos principais doadores do Museu de Arte Moderna do Rio, Gilberto iniciou sua parceria com o MAM em 1993. A coleção que leva seu nome é uma das mais notáveis da arte brasileira, com obras que vão desde o modernismo até a produção contemporânea”, tuitaram os gestores do MAR.

Diplomata foi o responsável por colocar as artes plásticas brasileiras em um patamar de reconhecimento da comunidade internacional

A importância de Gilberto pode ser medida pelo fato de ser membro das curadorias do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) e da Fundação Cartier para Arte Contemporânea (Paris). Além disso, participava das comissões administrativas da Fundação Bienal de São Paulo e do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP). Também compunha o conselho do Paço Imperial (Rio), do MAM-RJ e do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP).

Segundo Carlos Alberto Chateaubriand, o pai respirava a arte brasileira 24 horas por

dia. “Tinha muita alegria e estava sempre rodeado de artes e artistas. Morreu em sua fazenda, aos 97 anos, com muitas realizações, como sempre sonhou”, disse.

Ao longo da vida, Gilberto reuniu inúmeras obras de nomes consagrados — entre os quais Portinari, Tarsila do Amaral, Guignard, Pancetti, Djanira, Anita Malfati, Iberê Camargo, Maria Martins, Lasar Segall, Lygia Pape, Lygia Clark e Hélio Oiticica. Era dono de quadros, gravuras, fotografias, instalações, rascunhos e esculturas que, segundo especialistas, foram definidoras das artes plásticas

brasileiras. O MAM-RJ guarda mais de 6 mil peças e parte delas está ao alcance do público em uma exposição que fica em cartaz até janeiro de 2023.

Interesses

Gilberto foi um dos primeiros a se interessar por trabalhos de artistas que constituíam o polêmico movimento da Nova Figuração, no final dos anos 1960. Foi por conta da atuação do colecionador que nomes como Glauco Rodrigues, Antonio Manuel, Rubens Gerchman, Antonio Dias, Roberto Magalhães, Carlos Vergara,

Carlos Zílio e Anna Maria Maiolino, com obras de acentuado teor político, alcançaram um patamar superior e passaram a ser respeitados pela comunidade artística e intelectual.

Para Gilberto, arte era um conceito amplo e que incluía vários formatos e manifestações. Por causa disso incorporou à coleção, nos anos 1990, trabalhos de fotógrafos como Rosângela Renó e Miguel Rio Branco.

Essa visão abrangente sobre arte levou Gilberto a somar ao acervo obras polêmicas, como *B33 Bólida caixa 18 homenagem a Cara de Cavalo*, de Hélio Oiticica. Trata-se de um tributo ao



A coleção que leva seu nome é uma das mais notáveis da arte brasileira, com obras que vão desde o modernismo até a produção contemporânea"

Trecho do tuité do Museu de Arte do Rio (MAR)

criminoso Manoel Moreira, o Cara de Cavalo, acusado do assassinato do policial civil Milton Le Cocq, no Rio de Janeiro, nos anos 1960. A instalação reúne elementos distintos, como madeira, fotografia, náilon, acrílico, plástico e pigmentos — e é considerada um dos grandes trabalhos de Oiticica.

Gilberto será homenageado com um instituto cultural que levará seu nome na fazenda onde morava, há mais de 40 anos, em Porto Ferreira. A organização está a cargo de Carlos Alberto e o acervo contará com pouco mais de 600 obras, que incluirá quadros e esculturas. A ideia, também, é reunir trabalhos de aproximadamente 500 artistas contemporâneos em exibição, hoje, no MAM-RJ, e mais 130 de pintores do século 20.

O corpo de Gilberto está sendo velado em Porto Ferreira e, depois, seguirá para o Cemitério São João Batista, em Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro, onde será sepultado.

VIOLÊNCIA

Médico pode ter abusado de ao menos 30 mulheres

» FABIO GRECCHI

O médico Giovanni Quintella Bezerra pode ter estuprado mais de 30 mulheres nos partos em que trabalhou. A suspeita é da delegada da Mulher de São João do Meriti (RJ), Bárbara Lomba, uma vez que apenas no Hospital Estadual da Mãe, em Mesquita (outro município da Baixada Fluminense), ele anestesiou pelo menos 20 parturientes.

“Nós vamos investigar, fazer uma triagem, ver quais foram os procedimentos, e aí vamos aprofundando. São mais de 30, já identificados como possíveis (estupros)”, afirmou a policial. Os investigadores apuram se nesses partos, Quintella utilizou sedação desnecessária ou excessiva — algo que, no entender de Bárbara, indicaria que as mulheres poderiam ser abusadas, uma vez que as apurações já concluíram que as parturientes eram dopadas para que a predação sexual pudesse ser consumada.

A delegada afirmou que o diretor de um hospital no qual Quintella trabalhou a procurou e se comprometeu a repassar a

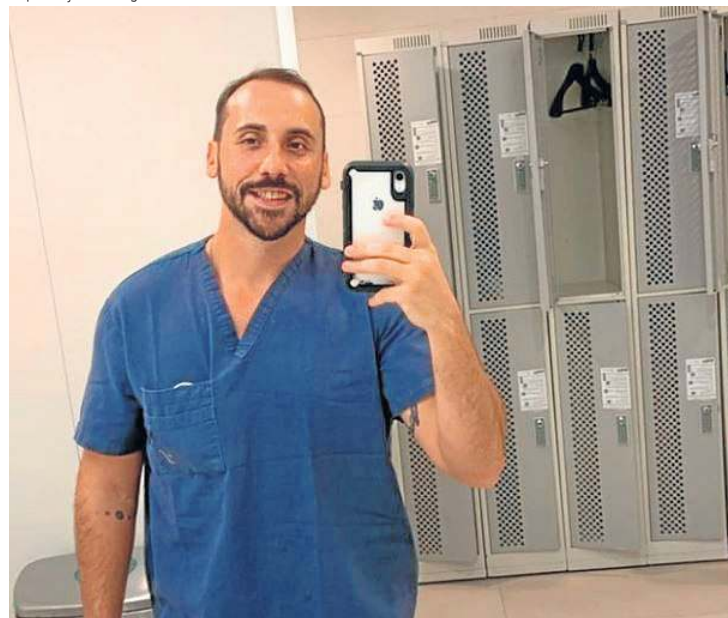
relação dos pacientes atendidos pelo médico. “Recebemos de 20 a 30 relatórios de pacientes do Hospital da Mãe, em Mesquita. Acredito que, aqui (em São João do Meriti), tenha trabalhado em partos. Estamos aguardando a relação dos pacientes do Hospital da Mulher. Sabemos que trabalhava lá há cerca de dois meses”, salientou.

HIV

A delegada disse, ainda, que falou ao telefone com a mulher cujo vídeo foi usado para prender o anestesista em flagrante. Segundo Barbara, a vítima chorou ao relembrar o relato de violência sexual. O marido dela, que foi retirado da sala de cirurgia por determinação de Quintella, deve ser ouvido na delegacia nos próximos dias.

“Toda essa ação criminosa é repugnante, é algo que não imaginávamos que pudesse acontecer”, indignou-se a delegada. “Ela (a vítima cuja gravação permitiu a prisão em flagrante) está muito abalada psicologicamente, mas tem condições de falar,

Reprodução/Instagram



Delegada estuda pedir que Quintella faça exame de detecção de HIV

prestar declarações”, completou.

De acordo com a Secretaria de Estado de Saúde (SES), a mulher que sofreu o abuso foi atendida por uma equipe multidisciplinar do próprio Hospital da Mulher Heloneida Studart depois do estupro. “Essa conversa aconteceu antes da alta da paciente, da terça-feira, dia 12, e foi acompanhada por familiares. A paciente recebeu todas as informações e medicações que compõem o protocolo para vítimas de violência sexual”,

informou a SES em nota.

A mulher, aliás, teve de tomar o coquetel de medicamentos previstos para casos de HIV por prevenção, uma vez que não se sabe o estado da saúde sexual de Quintella.

“Ela está bem, o filho está bem. Voltou a amamentar agora, porque estava impossibilitada (em função de estar tomando o coquetel anti-HIV). É um protocolo tomar esses medicamentos nos casos de violência sexual. Eu a tranquilizei e disse que vamos

terminar a investigação. Perguntei se ela estava bem, ela chorou, disse que o filho está bem”, explicou Bárbara.

Por sinal, a delegada trabalha com a possibilidade de pedir judicialmente que Quintella seja submetido ao exame de detecção de HIV — uma vez que a vítima foi obrigada a seguir o protocolo para casos de abuso sexual. “Diante da possibilidade de um outro possível crime, que seria a transmissão de moléstia, poderia haver essa possibilidade (de querer que o médico se submetesse ao exame). Só que nós temos como testar as vítimas, me parece que esses profissionais de saúde têm que ser cadastrados caso eles tenham alguma doença. Não descarto o pedido, tudo pode ser requerido judicialmente. Essas medidas invasivas podem ser pedidas desde que justificadas para que se configure um possível crime”, disse.

A delegada mais uma vez disse que Quintella praticou abuso de poder, uma vez que se aproveitava de vítimas que estavam dopadas. “Foi um abuso de poder. Ele se utilizava desta posição de que não seria suspeito. E mais abominável ainda é a vítima estar totalmente indefesa. Uma das maiores confianças que podemos depositar é na mão de um médico, ainda mais em uma cirurgia”, observou.

Jairinho como companhia

Giovanni Quintella Bezerra, o médico anestesista preso em flagrante por estuprar uma parturiente, está detido na Cadeia Pública Pedrolino Werling de Oliveira, conhecido como Bangu 8. A unidade é destinada a presos que têm nível superior e algumas das companhias de pavilhão chamam a atenção.

Uma delas é o ex-vereador Jairo Souza Santos Junior, o Doutor Jairinho, que aguarda julgamento pelo caso da morte do enteado, Henry Borel. O menino foi morto em 8 de março de 2021, devido a uma “hemorragia interna por laceração hepática por ação contundente”, segundo o laudo complementar de necropsia do Instituto Médico Legal — o que indica morte por espancamento.

Outro companheiro de cadeia do médico acusado de estupros em série é o delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro Marcos Cipriano. Ele foi preso na Operação Calígula, cujo alvo era a exploração ilegal de jogos de azar pelo banqueiro de bicho Rogério de Andrade — herdeiro do império criminoso de Castor de Andrade. (FG)